

### **ROTA DA ESPERANÇA: imigração japonesa e o sonho do retorno.**

Sidinalva Maria dos Santos Wawzyniak - UTP

Ao reconstruir o itinerário de alguns imigrantes, procura-se entender o significado social e econômico da mobilidade espacial e identificar quais são os valores culturais acionados pelos nipônicos nesse processo, pois "...uma história de migrações, de deslocamentos de população, revela comportamentos, padrões de relações sociais, momentos de crise... Traduz fenômenos culturais e, nesses e outros aspectos, as migrações permitem-nos compreender os fatos humanos – entre outros, políticos, religiosos e econômicos".<sup>1</sup>

Ao lado disso, as migrações internas, tanto dos nacionais como dos estrangeiros, "são historicamente condicionadas, sendo o resultado de um processo global de mudança"<sup>2</sup> que afeta a estrutura e a organização dos atores em nível psíquico e social. É um recomeço de uma vida que requer novas estratégias e a construção de novas relações.

No caso dos imigrantes japoneses, que chegaram ao Brasil entre as décadas de 1910 e 1920 o ponto de partida, foram as fazendas paulistas, onde eles estavam fixados na condição de trabalhadores contratados e o principal fator do deslocamento foi a perspectiva de alterar essa condição. Nas décadas seguintes, as migrações internas no Brasil passaram a constituir um elemento de recomposição tanto da população rural (décadas de 1930 e 1940) como da urbana (década de 1950 e seguintes), seguindo o fluxo da expansão econômica e esses imigrantes acompanharam esse movimento.

A perspectiva de um futuro melhor e de recuperar, com a emigração, o sonho perseguido em seus locais de origem, faz parte de um imaginário construído, resultado de um desejo de conquista e de busca que impulsiona o projeto de vida nas sociedades receptoras. De maneira geral, o deslocamento de imigrantes para outros espaços tem "um forte componente de compulsão, determinado por várias razões, entre as quais predominam as de

natureza econômica; mas encerra também uma escolha, cujo acerto o imigrante avaliará ao longo de sua vida”.<sup>3</sup>

### ***Pelas Fazendas Paulistas***

Os imigrantes japoneses que chegavam a São Paulo eram encaminhados às fazendas de café, junto com o intérprete de cada grupo, logo após a assinatura do contrato com os fazendeiros. Nessas fazendas, já trabalhavam, além de brasileiros diversas famílias de imigrantes de outras etnias.

As condições enfrentadas pelos recém-chegados definiram sua postura na permanência e trajetória no solo brasileiro, pois o tratamento recebido era muito diferente daquele anunciado pela Companhia de Emigração, antes de saírem de sua terra natal. "A terra prometida, a fartura e a riqueza rápida"<sup>4</sup>, o sonho de retorno ao seu país de origem, estavam longe de ser alcançadas, a curto prazo. Descontentes, muitos imigrantes negavam-se a trabalhar como lavradores, não queriam renovar o contrato com o fazendeiro ou fugiam. Os fazendeiros também reclamavam das dificuldades dos japoneses em se fixar num local, do despreparo para o trabalho no campo e das constantes fugas, que acarretavam prejuízo à lavoura.

Da primeira leva de imigrantes, alguns abandonaram as fazendas sem cumprir os contratos, outros cumpriram o contrato e saíram para as fazendas vizinhas, outros ainda, entre eles aqueles que vieram com uma profissão ou ofício e, portanto, não conseguiram se adaptar à atividade agrícola, procuraram novas ocupações.

Observa-se que o deslocamento acompanha o fluxo de desenvolvimento da agricultura paulista. Até o final da década de 1920 eram raros os que saíam das fazendas com destino ao Paraná, e aqueles que assim o faziam, vinham em outra condição de vida.

Em seu livro de memórias, A.M. dedica um espaço à mobilidade da família demonstrando a importância que dá ao fato:

A trajetória do pai aqui no Brasil em 21 anos já era rica. Neste período seguiu o seguinte caminho: 1898-1920: Japão – Toyama Ken; 1929: Brasil, em 28-6-1929; 1929-1930: Mogiana –SP/Santa Rita do Passaquatro (fazenda Vassununga); 1930-1931: Pompéia – SP (fazenda Jacutinga); 1931-1933: Bastos – Bairro Glória I; 1933-1941: Bastos – Fatura-SP; 1941-1950: Assai – PR (atual S. Sebastião de Amoreira). Depois:1950-1971: Londrina–PR (A.M.)

A família de A.S.I. também realizou vários deslocamentos, mas sua "remigração" se deu após ter se formado (1945) em um curso superior de contabilidade, em São Paulo (SP). *"Tinha agora, como apoio, um diploma e esperava com isto dar uma ajuda melhor aos meus familiares."* (A.S.I.). Mesmo depois de formado, não conseguiu receber seu diploma, pois uma lei, promulgada pelo governo de Vargas, cerceava aos estrangeiros o exercício de profissão liberal. Recebeu, na época, um certificado de conclusão de curso.<sup>5</sup> Diante desse panorama político e social, ele resolveu migrar para o Norte do Paraná com destino a Londrina.

Quando A.S.I. decidiu tentar a sorte em Londrina, esta cidade já havia se tornado centro aglutinador tanto de outros núcleos urbanos como de população. A economia cafeeira dava evidentes sinais de que assumiria a dianteira do desenvolvimento paranaense. Com o término da Segunda Guerra, o volume de café exportado pelo Brasil não conseguia acompanhar o aumento da demanda, os preços triplicaram, assim como a expansão do plantio no Norte do Paraná. E levas de imigrantes nacionais e estrangeiros continuaram a se fixar na região.

A representação do Paraná como um "estado em construção" também contribuiu para o deslocamento de uma população para o Norte do Estado. Ao lado disso, Graham relaciona outros fatores que interferiram no desenvolvimento do Paraná:

...A natureza eminentemente "agrícola" da explosão do seu desenvolvimento econômico, as características da sua cafeicultura, as qualificações dos imigrantes paulistas que ali se fixaram e, sobretudo, a natureza das políticas de distribuição de terras e de colonização ali implementadas, que deram prioridade à pequena propriedade, foram fatores que, durante esse período, mantiveram a população ligada à terra e o crescimento dos centros urbanos em nível inferior ao que poderia ter ocorrido se tivessem prevalecido outras condições.<sup>6</sup>

Uma vez que o preço das terras e o parcelamento da dívida facilitavam a compra e o pagamento, o imigrante poderia concretizar sua meta de transformar-se em um pequeno proprietário e assim viabilizar sua ascensão social no cenário rural. A ele restaria ainda a possibilidade de investir em um empreendimento e ser independente a partir da criação de seu próprio "negócio".

Embora não se possa generalizar, o processo de mobilidade espacial mostrou-se estratégia bem sucedida de inserção do imigrante e seu descendente em diferentes universos sociais

### ***Ser Itinerante***

A.S.I. remigrantes desse período, que chegou a Curitiba no ano de 1950, segundo seu livro de memórias, "*para trabalhar e estudar*", quando a cidade naquele momento comemorava algumas conquistas relativas à educação superior. Em 1946, a Universidade do Paraná havia sido reconhecida pelo governo federal e desde então vinha acalentando a aspiração de ser federalizada, o que veio a ocorrer em dezembro de 1950. Nessa condição, a agora Universidade Federal do Paraná poderia ser mais acessível a todas as camadas sociais. Considerando a importância que os japoneses conferem à educação, para eles um valor que permitiria a ascensão social, pode-se pensar que essa universidade estava mais ao seu alcance.

Ao que parece, A.S.I. acertou ao escolher Curitiba para a renovação dos seus propósitos de vida, trabalhar e estudar. Sobre isso, eis o seu relato:

...continuei com o meu escritório de contabilidade, onde julgava-me mais seguro. Como nunca é demais aprender continuei freqüentando palestras e cursos de extensão, não somente ligados à minha profissão, mas também de filosofia... Em 1952 inscrevi-me no Curso de Evolução do Pensamento Econômico, ministrado pelo professor Raul Paul Hugon, promovido pela Universidade Federal do Paraná. (A.S.I.)

Num contexto desenvolvimentista, o Paraná cresceu impulsionado pela cultura cafeeira e Curitiba traduzia esse progresso na perspectiva de apresentar-se como metrópole.<sup>7</sup> Em termos populacionais, esse processo de crescimento ficaria evidenciado na década de 1960: a população curitibana que na década de 1950 totalizava 179.208 na década seguinte quase dobraria, passando para 361.309 habitantes (IBGE). Da mesma forma, registrou-se um aumento da etnia japonesa na cidade; havia um total de 1.000 famílias, com 6.500 pessoas, sendo 78% na região urbana e 22% na região rural da cidade.

No transcorrer das décadas citadas, esta comunidade passou a crescer com "a vinda dos nisseis que procuravam o curso superior da capital."<sup>8</sup>

A busca pela educação foi um forte motivo, porém, não o único, pois nesse período os imigrantes japoneses que chegavam ao território curitibano viviam um momento muito particular: o Japão perdera a Guerra e a sociedade japonesa enfrentava um processo de reestruturação social e econômica de Pós-Guerra. Com isso, os imigrantes perderam a perspectiva de retornar no menor tempo possível para o Japão e, conseqüentemente, passaram a investir na sociedade brasileira comprando terras, abrindo pequenos negócios, investindo na educação e profissionalização de seus filhos e participando mais ativamente da comunidade local, criando associações e templos.

Algumas vezes mostrava-se mais viável adquirir terras ao redor de Curitiba. É assim, por exemplo, que nasce em 1958, numa área de 130 alqueires, "cercada por uma pequena floresta de araucárias", o núcleo japonês Hayao Washida, composta por 27 famílias que<sup>9</sup> se dedicavam ao cultivo de "frutas como pêras, pêssegos, ameixas e uva, além de hortaliças. Esse núcleo, situado a 36km de Curitiba, foi fundado por Hayao Washida, antigo morador de Cacatu, em Antonina. Saiu desta colônia no período da Segunda Guerra Mundial, quando era vedado aos imigrantes dos países do Eixo permanecer em área litorânea. Washida saiu de Antonina para o interior de São Paulo onde passou a incentivar a vinda de imigrantes para o Paraná. De volta a Curitiba, comprou terras na região de Araucária e passou a fazer um loteamento. Este loteamento deu origem à construção de um espaço que permitiu o desenvolvimento e o crescimento da

população japonesa em Curitiba e arredores. Um dos motivos que incentivou o imigrante a deixar o interior de São Paulo foi o clima, que, para Ischiro Namikata, "era propício para a cultura do algodão, com a qual os japoneses não estavam acostumados. Era preciso usar muito fertilizante e venenos, que faziam mal à saúde". O que era diferente do Paraná, que tinha um solo "ideal para a produção de hortifrutigranjeiros, a especialidade dos japoneses".<sup>10</sup> Mas, mesmo encontrando condições climáticas satisfatórias na região de Araucária, os imigrantes tiveram muitas dificuldades para se dedicar a uma produção que viabilizasse seu sustento. Segundo Ischiro Namikata:

A chegada ao Paraná não foi fácil (...), trabalhou muito para conseguir chegar à produção que tem hoje. Ele escolheu a pêra, yari (espécie de origem chinesa) como produto principal na área. (...) foi bastante trabalhoso a adaptação da fruta no Brasil. Usando a tecnologia japonesa, ele obteve o cruzamento da árvore da yari com uma outra espécie (chamada polinizadora). Só assim conseguiu produzir a pêra com seu gosto natural.<sup>11</sup>

As vinte e sete famílias reunidas por Washida adquiriram pequenos lotes e passaram a se estruturar a partir de suas experiências de vida. Tentaram recriar elementos da sua cultura no universo do trabalho e de moradia: "em cada casa da colônia existe uma marca da cultura oriental. Desde um pequeno 'matsu' (pinheiro japonês) plantado no quintal até objetos de decoração".<sup>12</sup>

Quanto à integração na comunidade, as recordações de A.S.I. falam de seu empenho em participar da sociedade local, sem, no entanto, descuidar de um dos mais importantes traços culturais para os imigrantes, a língua de origem:

Colaborei na fundação da Sociedade Cultural e Esportiva Pinheiros, de cuja diretoria fiz parte por muitos anos, bem como da Sociedade Cultural Nipo-brasileira e da Sociedade Beneficente Nipo-brasileira do Paraná. Com a colaboração do Major Ubirajara Brandão fundei o Centro Cultural Nipo-brasileiro, com a finalidade de divulgar a cultura e a língua japonesas... (A.S.I.)

O itinerário percorrido pelos pais de nove descendentes de imigrantes radicados em Curitiba, dos 10 que responderam ao questionário elaborado para esta pesquisa. Inicialmente, e quando definido, indica-se o ano de chegada do informante a Curitiba e na seqüência relaciona-se o trajeto dos pais.

Q2 – O informante passou a residir em Curitiba em 1968. Seus pais chegaram ao Brasil em 1931, trabalharam nas fazendas de café paulistas (Cabrália Paulista, Capão Bonito, Pereira Barreto – SP). Saíram de São Paulo tendo como destino Assai (PR).

Q3 – Seus pais chegaram ao Brasil em 1933, trabalharam como agricultor nas fazendas de café paulistas, durante o período de 1933 a 1942 (Santos, Cabrália Paulista – SP); de São Paulo saíram para o Paraná (Assai e depois Curitiba).

Q4 – O informante veio para Curitiba no final da década de 1960. Seus pais nasceram no Brasil na década de 1920, em São Paulo. Trabalharam em São Paulo até a década de 1930 (Bauru, Mogiana, Marília). Foram para Londrina (PR) na década de 1940.

Q5 – Este informante veio para Curitiba na década de 1970. Seus pais chegaram ao Brasil em 1929. Permaneceram em São Paulo durante a década de 1930 (Santos, Capital de São Paulo) e na década de 1970 vieram para Curitiba.

Q6 – Os pais do informante chegaram ao Brasil em 1933, trabalharam como agricultor nas fazendas de café paulistas, durante o período de 1933 a 1942 (Santos, Bauru, Pereira Barreto). Saíram de São Paulo para o Paraná (Londrina, Maringá e Curitiba).

Q7 – Seus pais chegaram ao Brasil em 1930, trabalharam como agricultor nas fazendas de café paulistas até 1935 (Marília, Lins e Bauru - SP). Remigraram de São Paulo para o Paraná (Curitiba).

Q8 – Seus pais chegaram ao Brasil em 1928, trabalharam como agricultor nas fazendas de café paulistas, durante dez anos (Santos, Mogiana, Capital de São Paulo). Saíram de São Paulo para o Paraná (Castro, Uraí, Londrina).

Q9 – Seus pais chegaram ao Brasil em 1933, trabalharam como agricultor nas fazendas de café paulistas até 1937 (Marília, Bauru). "Remigraram" de São Paulo para o Paraná (Maringá, Araçongá, Paranavaí).

Q10 – Seus pais chegaram ao Brasil em 1934, trabalharam como agricultor nas fazendas de café paulistas, até cumprir o contrato em 1937 (Cabrália Paulista, Capital de São Paulo - SP) e remigraram para o Paraná (Assai e Curitiba).

Observa-se que, segundo os informantes, seis famílias remigraram para o Paraná na década de 1930; duas, na década de 1940 e uma na de 1970. Quanto à fixação de residência em Curitiba dos pais e, ou, dos descendentes, tem-se que dois dos descendentes chegaram na década de 1960 e um na de 1970 (com a família), um não informou e cinco dessas famílias estavam em Curitiba antes destas últimas décadas. O que se evidencia é que os pais remigraram do interior de São Paulo (exceto uma família que veio da capital de São Paulo para Curitiba) para o interior do Paraná e posteriormente para a capital deste Estado. E o fator de

atração dessas famílias imigrantes para Curitiba parece ter sido principalmente a educação universitária e a conseqüente profissionalização de seus descendentes.

### **Conclusão**

Para os imigrantes japoneses, entre as condições ideais havia ainda a oportuna esperança de retorno. Sonhavam com um enriquecimento rápido, pois acreditavam que no Brasil iriam “debulhar as árvores de ouro (os cafezais) e ganhar muito dinheiro”. Contando com essa possibilidade, muitas famílias japonesas projetaram sua vinda nesta perspectiva: chegar ao Brasil, trabalhar e fazer uma poupança que garantisse o futuro do seu grupo na terra natal, em melhores condições. Essa idéia de retorno só foi perdida após o término da Segunda Guerra Mundial, quando o Japão se rendeu às forças aliadas.

---

<sup>1</sup> NADALIN, Sergio Odilon. **Paraná: ocupação do território, população e migração**. Curitiba: SEED, 2001. p.8

<sup>2</sup> SINGER, Paul. Migrações internas: considerações teóricas sobre o seu estudo. In: MOURA, Hélio A. **Migração interna: textos selecionados**. Fortaleza: BNB/ETENE, 1980. p.217.

<sup>3</sup> FAUSTO, Boris. Imigração: cortes e continuidade. In: NOVAIS, Fernando A. (Coord.). **História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea**. São Paulo: Cia. das Letras, 1998. P.19

<sup>4</sup> PARANÁ SHIMBUN. Londrina, 20 jun. 1998. p.5.

<sup>5</sup> Esta lei só foi revogada no governo de Gaspar Dutra (1945-1950).

<sup>6</sup> GRAHAM, Douglas H.; HOLANDA FILHO, Sérgio Buarque. As migrações inter-regionais e urbanas e o crescimento econômico do Brasil. In: MOURA, Hélio A. **Migração interna: textos selecionados**. Fortaleza: BNB/ETENE, 1980. p.751.

<sup>7</sup> TRINDADE, Etelvina Maria de. **Cidade, homem e natureza: uma história das políticas ambientais de Curitiba**. Curitiba: Unilivre, 1997.

<sup>8</sup> KOJIMA, **Um estudo sobre os japoneses e seus descendentes em Curitiba**. Curitiba, 1991.

Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação da UFPR. p.174.

<sup>9</sup> SALVADORI, Sandra. Colônia japonesa esquecida só mantém tradição agrícola. **O Estado do Paraná**, Curitiba, 28 maio 1988.

<sup>10</sup> SALVADORI, op. cit.

<sup>11</sup> SALVADORI, op. cit.

<sup>12</sup> SALVADORI, op. cit.